

No gabinete do dr. Sigmund

MOACYR SCLIAR *

O século 20 começou com controvérsias intelectuais. Uma delas na Europa: a publicação de *A Interpretação dos Sonhos*, de Sigmund Freud (1899). Uma outra, no Brasil: a Semana de Arte Moderna de 1922. Agora, uma exposição no Museu de Arte de São Paulo (Masp) associa, de forma muito feliz, esses dois notáveis movimentos. *Freud: Conflito e Cultura* é, para dizer o mínimo, um evento grandioso, que confirma a liderança cultural da capital paulista. Na verdade, são duas exposições, em dois pisos: a do andar inferior é a mostra organizada pela Biblioteca do Congresso, de Washington, em cujo acervo há mais de 50 mil peças (na maioria, documentos, mas também fitas gravadas, filmes, objetos) do fundador da psicanálise. A propósito, a abertura dessa mostra nos Estados Unidos foi longamente adiada em função de críticas que recebeu, e às quais já voltaremos.

Nessa primeira parte, acompanhamos a trajetória de Sigmund Freud: seus primeiros passos em uma carreira médica que não era exatamente sua ambição (queria ser pesquisador), o trabalho com Breuer e Charcot, resumos de casos famosos, como o do Homem dos Lobos e o de Anna O. O detalhe mais curioso é a reprodução do gabinete do psicanalista Freud, instalado em Londres, para onde ele se dirigiu em 1938, fugindo do nazismo. O famoso divã não está ali, mas o tapete que o cobria sim, e também a poltrona, bastante simples, aliás, de onde acompanhava as fantasias dos pacientes. De uma maneira geral, os consultórios psicanalíticos são bastante despojados – qualquer objeto pode desviar a atenção neurótica do paciente –, mas Freud tinha no seu uma bela coleção de peças arqueológicas, coleção essa que aliás já foi exibida no Brasil, também em São Paulo. A influência de Freud na cultura é mostrada, sobretudo, através de trechos de filmes: *Quando Fala o Coração* (*Spellbound*), de Hitchcock, e o ótimo *Freud, Além da Alma* (*Freud*), de John Huston, entre outros. Em termos de material impresso, há um catálogo e também a antologia *Freud: Conflito e Cultura*, lançada por Jorge Zahar Editor, com trabalhos de Peter Gay, excelente biógrafo de Freud, de Oliver Sacks e do quadrinista Art Spiegelman, entre outros. Em suma, a primeira parte da exposição é uma útil, didática e abrangente introdução à obra freudiana.

Na segunda parte, intitulada *Brasil: Psicanálise e Modernismo*, vamos encontrar a recepção a essa obra no Brasil. E a primeira coisa que nos chamará a atenção é a entusiástica reação dos modernistas brasileiros às idéias de Freud. O que não é de admirar. Em primeiro lugar, Freud era considerado um iconoclasta, o que, para quem queria romper

Exposição em São Paulo examina relações entre a psicanálise e o modernismo brasileiro e abre as portas para uma reavaliação do legado freudiano



Sigmund Freud (1856 – 1939) embarca em Berlim: o pai da psicanálise em foto de 1928

com o status quo da cultura brasileira, era uma credencial importante. Depois, Freud já tinha chamado a atenção de outros círculos intelectuais, como foi o caso dos surrealistas franceses; a “escrita automática” a que muitos recorreram como processo de criação nada mais era que uma aplicação do conceito freudiano de inconsciente. Mário de Andrade, por exemplo, revela-se fã do “sábio tudesco” (isto é, tedeasco, alemão). No conto *Atrás da Catedral de Ruão*, uma das personagens diz que se sente “freudiana”, ao que a interlocutora replica: “Você anda muito complexenta”. Ou seja, em relação à psicanálise, vigorava a

lei da antropofagia: devorar o que vem de fora para abasileirá-lo, como é o caso desse “complexenta”.

Falando nisso, Oswald de Andrade não esquece de dizer em seu *Manifesto Antropofágico* (1928) que Freud – por ele considerado, junto com Nietzsche e Marx, um dos artífices do século 20 – denunciou a realidade opressora de complexos e loucura para o qual Oswald via como antídoto o “matriarcado de Pindorama”. Em *Serafim Ponte Grande*, o personagem escreve ao “Sr. Sigismundo”, queixando-se de que a ex-amante, em sonhos, “tem relações sexuais com Jesus Cristo e outros deu-

ses”. Resposta de Sigismundo: “Ilustre balaústre: parabéns pelo monstro que tens em casa mande-o”. E num outro texto, saúda: “Viva Freud e nosso padrinho Padre Cícero”. Freud estranharia em se ver nessa companhia.

Esse inusitado interesse durou uma década. Depois disso, as coisas mudaram. A psicanálise já estava razoavelmente incorporada à cultura, deixava portanto de ser “revolucionária”. Ao contrário, era condenada como “burguesa” pelo stalinismo, o que afastou dela muitos intelectuais ligados ao Partido Comunista. Ao mesmo tempo, começava a prática freudiana no Brasil. A primeira associação psicanalítica foi fundada em 1928 pelo médico Durval Marcondes, em São Paulo (a exposição, aliás, está muito centrada no cenário paulista), e recebeu o apoio do lendário Franco da Rocha, criador do Juquery.

As controvérsias atuais sobre a psicanálise são pouco mencionadas. Há, contudo, uma referência a Frederick Crews, professor de Literatura em Berkeley (nos Estados Unidos, professores de literatura volta e meia analisam a sociedade) e autor de *As Guerras da Memória: o Legado de Freud em Xeque*. Crews diz que Freud não “descobriu” o inconsciente (essa noção existia desde Platão) e que o método psicanalítico não tem base científica; a idéia de Ricoeur e de Habermas, segundo a qual a psicanálise seria uma atividade hermenêutica, interpretativa, não lhe satisfaz. Se a isso acrescentarmos os estudos do cérebro, nos quais Freud, aliás, depositava grandes esperanças, e o advento de drogas como os antidepressivos, constataremos que, se a psicanálise não está “em xeque”, passa, ao menos, por um período de reavaliação. Essa reavaliação não se processa exclusivamente no círculo dos iniciados, mesmo porque Freud hoje é mais que um nome, é um clima de opinião. E uma opinião pública bem informada é importante para a avaliação da psicanálise. Para isso, a exposição do Masp dá uma ótima contribuição.

* *Escritor, autor de A Mulher que Escreveu a Bíblia*

*** Escritor, autor de A Mulher que Escreveu a Bíblia**

Para visitar

As mostras *Freud: Conflito e Cultura* e *Brasil: Psicanálise e Modernismo* podem ser visitadas até 17 de dezembro, de terças a domingos, das 11h às 18h, no Museu de Arte de São Paulo, o Masp (Avenida Paulista, 1.578), fone (11) 251-5644, em São Paulo. Entradas a R\$ 10 (público em geral), R\$ 5 (estudantes com carteirinha) e franca (menores de 10 anos e maiores de 60). O ingresso também dá direito a visitar uma exposição de obras do acervo do museu.